

# NOTAS E NOTÍCIAS

---

## A EXPOSIÇÃO REGIONAL DE LEOPOLDINA

A propósito da Exposição Regional de Leopoldina, escreve o Prof. O. Domingues, da Escola Nacional de Agronomia:

A Exposição Regional de Leopoldina é uma preciosa realização pecuária, podendo mesmo ser considerada como um dos melhores certames desse gênero, no Brasil. Já se tornou uma tradição na “zona da mata” mineira. Falta-lhe certamente aquela feição espetacular, de outras paradas de animais que, por isso mesmo, não passam de uma parada de “beleza” animal, sem o sentido pragmático do certame leopoldinense. Sobretudo é um certame que não mente a ninguém — constitui um espelho da realidade pecuária local.

Mas antes de contar as impressões que trago da VII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, devo dizer alguma coisa sobre aquela micro-área agro-pastoril, de aspectos tão característicos e inconfundíveis. Leopoldina e adjacências constituem uma região de gado leiteiro, que se caracteriza pela vitória na aclimação de alguns rebanhos formados por certas raças europeias — a Guernese, a Holandesa, a Schwyz, a Jersey e ainda a Simmenthal. O caso da raça Guernsey é único no Brasil. O rebanho Guernsey dali é uma excelente demonstração de quanto vale a intuição do criador, auxiliada pela persistência e o senso da realidade, tocados de um apêgo à profissão e à terra

com sua paisagem. O criador mineiro é tradicionalmente criador, e por isso seu trabalho se apresenta sempre como fruto da reflexão, da experiência, do conhecimento da realidade. Não age por sugestão da moda ou da propaganda vigente. Falta-lhe o espírito novidadeiro, e por isso quando se propõe fazer alguma coisa, trabalha sem tirar os olhos da realidade e pelo gosto de realizar, e não para se mostrar. Seu espírito rotineiro — no bom sentido, constitue uma garantia da continuidade de seu trabalho. Uma vez traçado o rumo, ele leva o eito até o fim. Faz ouvidos moucos aos que criticam, mas sem nada realizarem. Aos novidadeiros comuns em todas as profissões. E vai para diante. Foi assim no caso do zebú. Foi assim no caso dos rebanhos de raças melhoradas, de que tanto se devem envaidecer os criadores leopoldinenses.

Mas por falar em zebú, verifico que as reportagens em torno da Exposição de Leopoldina tem conferido às raças indianas ali uma importância que elas estão longe de merecer naquela região. Elas devem até ser consideradas como intrusas — primeiro porque se trata de uma zona de gado leiteiro, depois porque eliminar ali as raças leiteiras vitoriosas (e com que sacrifícios não se chegou a essa vitória), para substituí-las pelo zebú, gado de corte — será querer complicar ainda mais e embaraçar o problema da produção de leite, tão ameaçado já por outras causas. A voz geral, aliás, é a profecia de que essa substituição se processará dentro de poucos anos, porque ela já começou...

O que devemos admirar em Leopoldina não é, pois, o gado vitorioso no Triângulo mineiro, e nos sertões de gado de corte. Isso seria sub-estimar o trabalho de aclimamento, verdadeiramente notável dos criadores leopoldinenses. Em Leopoldina o que nos enche de entusiasmo são os belos espécimes de Guernsey, de Holandês, de Schwyz, os formosos Mangalargas e os Pirapitingas que povoam aqueles vales e montes. Sobretudo o "Concurso Leiteiro" que vem sendo ali realizado desde 1936, com pleno êxito. Ainda este ano lá compareceram 23 concorrentes. É um espetáculo a torcida a cada ordenha, para saber

qual a produtora que vai na dianteira. As apostas, os prognósticos e sobretudo a repercussão que tem o páreo de lactação, a absorver todas as atenções durante as 48 horas do concurso.

Como eu disse, desde 1936 vem sendo realizado um Concurso Leiteiro em Leopoldina, e é interessante verificar a ascensão acentuada dos récordes ali verificados. Assim, em 1936 o campeonato foi levantado pela "Camponesa", com a produção de apenas 16 kg.,763 diários; em 1938 já a campeã "Violeta" produzia a média diária de 20 kg.,680; no ano seguinte, nova elevação para 23 kg.,770; em 1940 o récorde ascende a 26 kg.,026, com "Paraibuna", uma das mais notáveis leiteiras ali aparecidas pelo aumento da sua lactação além do período crítico, tendo comparecido a quatro concursos, colocando-se em 2.º lugar e finalmente em 1.º; o campeonato de 1941 foi vencido por "Marreca", com 27 kg.,169 de média diária; e por fim "Vita Troia", em 1942, regista a média de 30kg., 026. O resultado deste ano ainda não era sabido quando deixei Leopoldina, em plena fase do concurso. O prognóstico era, porém, uma nova elevação dos récordes. Ao mesmo tempo que se regista a "quantidade", faz-se a análise imediata de cada leite produzido, para determinar o teor butiroso e verificar também qual a campeã em "qualidade" do leite.

E o curioso é observar-se que as concorrentes são vacas mestiças ou puras por cruza. Raramente se inscrevem leiteiras de puro sangue. Demais, os campeonatos tem sido levantados todos ou por puras por cruza ou por mestiças, mas nenhuma vez por puro sangue. Não quer isso dizer que nos rebanhos daquela região não haja gado puro sangue (ou puro de pedigree, como se diz erroneamente). Há em todas as raças ali criadas, animais puríssimos, inscritos no livro genealógico das respectivas raças.

Aliás, para o zootecnista brasileiro uma rês puro sangue não vale obrigatoriamente mais do que uma mestiça. A nova zootecnia está abalando a idéia de pureza racial. Até nos animais domésticos o "arianismo" tem sido prejudicial. O que se deve pedir aos animais é produção, é rendimento zootécnico, é

remuneração do capital neles investido e dispendido em mantê-los. Isso tem sido uma das coisas que os criadores mineiros compreenderam desde cedo, e particularmente os de Leopoldina, com seus belos rebanhos leiteiros, de onde nos vêm o leite, a manteiga, o queijo que consumimos. Rebanhos aclimados vitoriosamente, sobretudo o de Guernsey, incontestavelmente uma das melhores coisas que, em matéria de criação, possuímos no Brasil. E de que devemos nos orgulhar.

Não quero deixar de contar que entre as concorrentes inscreveram-se, no concurso leiteiro, tres vacas zebuas, de raça Gir, mas apenas uma compareceu. Assim mesmo teve de ficar em outro local, fora daquele destinado ao gado do concurso. Isto devido à sua "mansidão incomparável"... Sua produção foi a pior de todas, não alcançando o mínimo de dez litros exigidos. O teor em gordura do leite dessa Gir foi de 5%, bem elevado, mas que não constitue vantagem econômica, quando o leite é em pequena quantidade.

Do Mangalarga não devo deixar de falar. O meu amigo o Cel. Severino Junqueira, teria razão para queixa. Os especímenes ali exibidos são animais notáveis pela beleza de conformação, e pelos seus andamentos. O campeão deste ano foi um belo "queimado" de nome "Andaluso", com 3 anos de idade, e medindo 1m,51 de altura. Podia-se apreciar, além dos cavalos inscritos este ano, mais ainda uma turma de campeões dos anos anteriores, como o "Mangalarga", o "Rex", o "Derby". Todos com seu ar da raça mineira incomparável de cavalos marchadores.